

O metafenômeno no processo de triangulação da pesquisa qualitativa

Simone Antoniaci Tuzzo¹, Claudomilson Fernandes Braga¹

¹Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, Brasil.
simonetuzzo@hotmail.com, milsonprof@gmail.com

Resumo. Este artigo se propõe a apresentar os avanços dos estudos iniciados em 2014 dentro da triangulação da pesquisa qualitativa. Conceituando o sujeito e o objeto, verifica-se que o fenômeno é algo que deve ser identificado a partir dos dois primeiros eixos, ou seja, a partir da definição do sujeito e do objeto, a identificação do fenômeno formará a triangulação na pesquisa, determinando três vértices e três níveis de exploração que levarão a resultados. A partir desses resultados, outros três níveis de exploração podem ser desencadeados, gerando um processo de investigação que pode ter começo, meio e fim em si mesmo, ou gerar novas pesquisas dentro do mesmo conceito em uma lógica randômica, de modo a permitir a identificação do metafenômeno. A partir desta noção, o pesquisador tem a possibilidade de detectar fenômenos que constituem o tripé sujeito, objeto e fenômeno.

Palavras Chave - Pesquisa qualitativa; triangulação; meta categoria; metafenômeno.

The phenomenon goal in qualitative research triangulation process

Abstract. This article aims to present the progress of studies in a triangulation of qualitative research started in 2014. Defining the subject and the object, it appears that the phenomenon is something that should be identified from the first two axes, i.e., from the definition of subject and object, the phenomenon of identification form triangulation in the research, determining three points and three levels of exploration that will lead to results. From these results, three other harvesting levels can be triggered, leading an investigation that may have a beginning, middle and end in itself, or generate new research within the same concept in a random logic, in order to allow identification met phenomenon. From this sense, the researcher is able to identify phenomena that constitute the subject tripod, object and phenomenon.

Keywords - Qualitative research; triangulation; target category; phenomenon goal.

1 Introdução

Esta é a segunda fase de uma pesquisa qualitativa iniciada em 2014 e que tem por objetivo estudar os olhares múltiplos e diversificados da complexidade a que foram sujeitados os atores sociais e seus ambientes pessoais e laborais. Este estudo se propõe apresentar uma nova possibilidade metodológica dentro da perspectiva qualitativa, tendo como perspectiva o sujeito, o objeto e o fenômeno na pesquisa triangular. Ao fazer a pesquisa e a triangulação, um novo problema pode ser gerado. Esse novo problema pode originar uma nova pesquisa qualitativa ou quantitativa ou até uma nova triangulação, num processo dialético. Podemos tomar como exemplo uma pesquisa com leitores de jornal impresso. Neste caso os sujeitos são os leitores, o jornal impresso é o objeto e o fenômeno é a leitura, que em dias atuais pode ser realizada pelo papel impresso ou pelas mídias eletrônicas; onde o fenômeno, neste caso, se caracteriza pelo tipo de leitura física, digital ou ambas. Neste sentido surge a noção de metafenômeno, onde o fenômeno é sempre algo que não pode ser dissociado da pesquisa e a triangulação entre fenômeno, objeto e sujeito é a pesquisa qualitativa em três níveis, três vértices de exploração.

As expectativas deste cenário de pesquisa se propõem falar a mesma linguagem a partir das investigações qualitativas, que colocam o indivíduo como elemento fundamental, quer seja pela perspectiva da mídia ou não e reafirmam o papel fundamental do pesquisador, desde suas escolhas de métodos de coleta de dados, análise, interpretação e produção do relatório de pesquisa, onde o olhar e as possibilidades de interpretação do sujeito pesquisador é fundamental para a condução das pesquisas e poderão interferir diretamente em seus resultados, sobretudo nas ciências sociais e humanas.

Na continuidade dos estudos iniciados em 2014 confirmamos a possibilidade de uma triangulação das pesquisas qualitativas firmadas nelas mesmas. Comumente são encontrados estudos de triangulação que mesclam as pesquisas qualitativas e quantitativas, mas a partir de resultados com investigações realizadas no Laboratório de Leitura Crítica da Mídia - LLCM, da Universidade Federal de Goiás - UFG, podemos afirmar que a triangulação firmada, tendo como eixo central a própria pesquisa qualitativa também pode se firmar no tripé de sujeitos, objetos e fenômenos.

Ao estudar as palavras, a opção por se trabalhar com três vértices de investigação, que compõem uma triangulação justifica-se no sentido de que os vértices, ainda que componham um processo, devem ser trabalhados de forma isolada, complexos em si mesmos para poder se integrar ao todo. Assim, além de vértices, também a opção de níveis que marcarão as etapas da pesquisa até o seu resultado final.

Expondo o andamento das pesquisas, devemos considerar que há dois anos as investigações estavam baseadas no tripé métodos; sujeitos e fenômeno. O objeto que ora aflora neste tripé de investigação estava contemplado anteriormente no eixo fenômeno. Desta forma, constatamos que o fenômeno é complexo, o método é plural e os sujeitos são mutáveis, absolutamente dependentes do ambiente e das condições sociais onde a pesquisa se realiza e onde outras interferências do meio podem gerar mutações no fenômeno pesquisado. Em se tratando de pesquisas nas áreas da comunicação, por exemplo, a mídia é ponto determinante na construção de todo o processo. Isso se mostrou real, mas precisou de um avanço.

Por isso, a proposta atual é de conceituar neste estudo o sujeito, o objeto e o fenômeno, tendo como referência a noção fundante de metafenômeno. O método qualitativo em sua pluralidade estará dando suporte para o processo de pesquisa e conceituação dos três pilares de sustentação da triangulação atual.

2. Conceituando os itens constitutivos da triangulação da pesquisa qualitativa por metafenômeno

Este é um trabalho complexo pela multiplicidade de agentes sociais envolvidos para se pensar em suas respostas. A complexidade aqui considerada baseia-se nos estudos de Morin (2005, p. 334) que afirma que "a complexidade não produz nem gera a inteligibilidade, ela pode incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada. A complexidade não está no objeto, mas no olhar do pesquisador, na forma que ele estuda seu objeto e na maneira como ele aborda os fenômenos".

Entende-se que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigorosamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.

Cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática de coleta e de interpretação em qualquer estudo. É exatamente neste ponto que nos debruçaremos nesta nossa abordagem. A multiplicidade de coleta que a pesquisa qualitativa oferece gerando uma possibilidade de triangulação, também trabalhada pelos autores Duarte (2009) e Günther (2006), apesar do segundo autor se dedicar mais especificamente a diagnosticar e diferenciar a pesquisa quantitativa da pesquisa qualitativa. Segundo Minayo, as pesquisas qualitativas podem ser então compreendidas como "aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas" (2000, p. 48).

2.1. Conceituando metafenômeno, sujeito e objeto.

Para conceituar o metafenômeno, ponto principal de discussão deste estudo, vamos considerar o pensamento de Benjamin (1985), teórico da Escola de Frankfurt, que descreveu o processo do aqui e agora (*hic et nunc*), em seu clássico texto "A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica" de 1936.

A ideia é de que o metafenômeno só pode ser compreendido dentro de um contexto social, onde nesta perspectiva as características de cada pesquisa precisam considerar o *hic et nunc*. Morin corrobora (2005a, pp. 18-19) afirmando que "a cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade".

Assim cada sociedade é a soma de seus indivíduos, mas cada indivíduo é a representação da sociedade em que está inserido, numa simbiose que determina a existência de fenômenos específicos para um determinado grupo.

Morin (2005a, p. 18-23) vai além, explicando que:

Nenhuma sociologia pode resolver o problema crucial da verdade da sociologia. Para que a sociologia do conhecimento possa encontrar a sua própria verdade, é necessário que a ela se coloque o problema metassociológico (ultrapassando a sociologia ao englobá-la) da verdade. [...] Significa dizer que a ideia mais simples necessita conjuntamente de uma formidável complexidade bioantropológica e de uma hipercomplexidade sociocultural. Falar em complexidade é falar em relações simultaneamente complementar, concorrente, antagônica, recursiva e hologramática entre essas instâncias.

Aristóteles já pregava a relação complexa entre o todo e as partes sempre preocupado em unir e distinguir. Com base nessas ideias, Morin (2005a, p. 310) cunhou o termo "paradigma da complexidade" para explicar a dependência do que aqui chamamos de sujeitos, objetos e fenômenos e a interdependência que existe entre eles que, ainda que explicados separadamente, só podem ser compreendidos de forma integral.

Lysaneas (2016) afirma que:

A apreensão do metafenômeno, tida por tantos filósofos como impossível, difícil, misteriosa, abstrata ou até ilusória, pode ser obtida, não pela supressão ou transcendência mal-definida dos sentidos, intuições e raciocínios humanos, mas, por um processo conjunto de refinamento do aparato psicossensorial (seja pelo seu uso adequado ou maior sofisticação) e de uma avaliação criteriosa, metódica, do direcionamento comum a todas as coisas, para saber para onde elas vão.

Diante disso, este trabalho também tem base nos estudos de Kerckhove (2009) para quem os sentidos e as sensações são fundamentais no processo comunicacional da sociedade atual. Para ele "na era da eletricidade, usamos toda a humanidade como nossa pele".

Assim, o metafenômeno pode ser compreendido como um feixe de forças, um experimentar além da consciência, conforme Gil (2005), ou seja, um lugar de vivência, de acontecimentos e fatos que incorporados à realidade do mundo social suporta, comporta e possibilita o funcionamento psicossocial dos sujeitos. É ele (o metafenômeno) que incorpora e oferece à pesquisa todos estes elementos, dando margem ao pesquisador de identificar as demais categorias do vértice sujeito, objeto, fenômeno.

Em relação aos sujeitos, tomamos nesta perspectiva a noção de que os sujeitos, podem ser múltiplos (pessoas, documentos, reportagens impressas, televisivas etc) e complexos, conforme colocado por Morin. Dito de outra forma, aqui os sujeitos da pesquisa perpassam todos e tudo aquilo que pode ser investigado em razão do recorte (ou não) adotado no levantamento dos dados.

Adotando como lógica o método qualitativo para as investigações, devemos considerar que os sujeitos são participantes efetivos da pesquisa em toda sua complexidade e que certamente necessitará de multimétodos para identificar, coletar e se apropriar das informações necessárias para o processo de interpretação e conclusão dos dados de uma pesquisa.

Em relação ao objeto, terceiro e último tripé deste construto, retomamos a noção de metafenômeno, onde este oferece ao pesquisador o fenômeno que será investigado, aqui denominado de objeto. Ou seja, é o objeto/fenômeno que suportará todo o processo investigativo adotado na arquitetura metodológica proposta.

Dito de outra de forma, objeto e fenômeno se assemelham em forma e conteúdo. São indissociáveis no ato da pesquisa.

É no fenômeno que se identificam os sujeitos pertencentes; o metafenômeno que origina e suporta o próprio fenômeno e o objeto que é em essência a gênese do próprio fenômeno. É, portanto, no sujeito e no objeto que o fenômeno se instala, se operacionaliza e se constrói enquanto lugar de pesquisa.

3. Proposta metodológica de triangulação: sujeitos – objetos – fenômenos

O método de triangulação sistemática pode ser compreendido em Flick (2009), que afirma que ela pode ser conseguida a partir da combinação de perspectivas e de métodos de pesquisa adequados, que sejam apropriados para levar em conta o máximo possível de aspectos distintos de um mesmo problema.

Assim, a proposta metodológica em relação as investigações, sejam de caráter bibliográfico e ou mesmo de campo são determinantes quatro aspectos fundantes: 1) a definição do tipo de pesquisa; 2) os instrumentos de coleta adequados; 3) a definição da população-alvo para construção da amostra; 4) os métodos de análise.

Com relação aos tipos de pesquisa, a proposta contempla a pesquisa bibliográfica e a pesquisa empírica; em relação aos instrumentos de coleta, estes de formas variadas podem ser a partir de instrumentos semiestruturados, observação participante (ou não), etnografia ou mesmo questionários estruturados de caráter aberto; sobre a população-alvo (amostra), tomamos como referência a teoria da amostragem¹ para definir o campo e seus sujeitos: jornais, televisão, internet, pessoas etc; e os métodos de análise serão empregados a partir dos componentes da coleta.

¹ Sobre a Teoria da amostragem ver: Malhotra, N. Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada. São Paulo. Bookman: 2010.

3.1. Pesquisa bibliográfica

Para Minayo (2000, pp. 97-98), “as pesquisas bibliográficas caracterizam-se como uma ordenação da realidade empírica[...]; um exercício de crítica teórica e prática[...]; um caráter disciplinar e operacional. A pesquisa bibliográfica é capaz de projetar luz e permitir uma ordenação da realidade empírica”.

Marconi e Lakatos (2007) defendem que a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento da bibliografia já publicada, quer seja em livros, jornais, revistas, publicações avulsas. O seu objetivo é fazer com que o investigador conheça o material escrito sobre o assunto que pesquisa, sendo auxiliar na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Flick (2009, p. 62) estrutura a pesquisa bibliográfica em quatro eixos: "A literatura teórica sobre o tema a ser estudado; leitura de pesquisas empíricas realizadas anteriormente sobre o tema, ou similares; literatura sobre metodologia da pesquisa; literatura teórica e empírica para a contextualização, comparação e generalização das descobertas".

A pesquisa bibliográfica dará o suporte para a realização das pesquisas empíricas. É na pesquisa bibliográfica que a estruturação das ideias e dos conceitos já publicados serão reafirmados, ampliados, reconstruídos com as descobertas das pesquisas de campo.

3.2. Pesquisa de Campo ou Empírica

As pesquisas de campo permitem a ampliação das teorias e das descobertas anteriormente existentes. São elas responsáveis pela transformação social. O material de pesquisa está na sociedade e o coloquial é um grande laboratório. O pesquisador sempre deve ser crítico e o senso comum ceder lugar ao questionamento.

As pesquisas empíricas aqui relatadas aplicam-se aos casos onde a busca é por um resultado mensurável, com interpretações, reflexões e explicações. Este método incita o pesquisador e os entrevistados a pensarem sobre uma questão social, um objeto, um problema e não se baseia em estatísticas, mas sim, preocupa-se com qualidade e profundidade de dados e descobertas a partir de fenômenos.

Tuzzo e Mainieri (2010) afirmam que o espaço de pesquisa está na sociedade e o cotidiano é um grande laboratório onde todo tipo de manifestação pode ser analisado, sob a ótica da ciência que se pesquisa e que mais se quer descobrir. O olhar do pesquisador sempre deve ser crítico e o senso comum deve ceder lugar ao questionamento.

3.3. Instrumentos de coleta de dados

Os pesquisadores Minayo (2000) e Triviños (1987) dão as pistas para a produção de roteiro estruturado ou semiestruturado que permite uma pesquisa com base em entrevistas ou grupo focal; estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; *storytelling*; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais; observação etnográfica ou participante, que tem por objetivo entender os processos sociais de concepção de um fenômeno pela própria perspectiva do pesquisador e não somente pelo relato de um participante externo.

Flick (2009, p. 203) explica que o pesquisador inserido no universo dos entrevistados faz com que seja possível se descobrir como algo efetivamente funciona ou se desenvolve. Para além das respostas às perguntas de uma entrevista, os olhares subjetivos que estão além das palavras tornam-se acessíveis pela inserção no local.

3.4. A população-alvo e as análises

A construção da amostra e os métodos de análise completam o processo. Neste contexto, tomamos como referência a teoria da causalidade (diferente da causa e efeito), inspirado na perspectiva estatística, onde esta (a causalidade), sugere que o metafenômeno pode e deve sugerir ao pesquisador o fenômeno de interesse, que nem sempre é óbvio. É sobre a obviedade que nos debruçamos. O óbvio se aproxima do senso comum. É este distanciamento de que necessita o pesquisador para enxergar com lentes de aumento além do óbvio. Mesmo que a causalidade possa ser compreendida como relação entre um evento (a causa) e um segundo evento (o efeito), em que o segundo acontecimento é entendido como uma consequência do primeiro. Optamos pelo olhar de que também é na causalidade que se constrói o lugar desta perspectiva, onde a relação entre um conjunto de fatores (causas) faz surgir um fenômeno (o efeito), que chamamos de objeto – fenômeno.

4. Considerações em andamento

Já é possível afirmar que no mesmo teto da pesquisa qualitativa pode-se ampliar os horizontes e demandar possibilidades de coleta e de análise de modo triangular, amplo e (quase) irrestrito na tentativa de atender as demandas dos fenômenos.

Aqui verificamos a “triangulação” como validação, mas também como forma de integrar diferentes perspectivas no fenômeno em estudo, como forma de descoberta de paradoxos e contradições, ou como forma de desenvolvimento, no sentido de utilizar sequencialmente os métodos para que o recurso ao método inicial informe a utilização do segundo método, ou seja, parece ser uma perspectiva em discussão, ou pelo menos é o que parece ser segundo Greene et al. (1989), cuja discussão tem sido empreendida por Duarte (2009).

Desde modo a possibilidade da triangulação mesmo em se tratando da mesma perspectiva – qualitativa – parece ser uma abordagem que se sustenta e faz sentido à medida que oferece ao pesquisador olhares múltiplos e diferentes do mesmo lugar de fala. O todo e as partes são focos determinantes neste modelo de triangulação.

O que aflora nas investigações são os pensamentos de complexidade e de sentidos numa sociedade múltipla na perspectiva de pessoas e acontecimentos. A complexidade dos fenômenos exige outras formas de investigação. Aqui cabe ressaltar a riqueza destas possibilidades quando nos referimos, por exemplo, ao quantitativo de abordagens e de metodologias de análise do universo da pesquisa qualitativa, sugerindo que é no metafenômeno que o fenômeno se constitui, permitindo que seja possível triangular sujeito, objeto e fenômeno.

Referências

Benjamin, W. (1985). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo:Brasiliense.

Duarte, T. (2009). *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. CIES e-WORKING PAPER N. 60/2009. Lisboa, Portugal. Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003. Acesso em: 17/03/2015.

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, Artmed.

- Gil, J. (2005). *A imagem-nua e as pequenas percepções. Estética e Metafenomenologia*. Trad. Miguel S. Pereira. Lisboa: Relógio D'água.
- Greene, J. C., V. J. Caracelli, e W. F. Graham. (1989). Towards a conceptual framework for mixed-method evaluation designs. In: *Educational Evaluation and Policy Analysis*, p. 255-274.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Universidade de Brasília, vol. 22, nº. 2 Brasília May/Aug. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-37722006000200010&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de março de 2015.
- Kerckhove, D. (2009). *A Pele da Cultura*. São Paulo: Annablume.
- Lysaneas, T. (2016). *Metafísica Fractal*. São Leopoldo - Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/1608647>. Acesso em 21/02/2016.
- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2007) *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Atlas, 7ª ed.
- Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Morin, E. (2005). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2005a). *O método 4: As ideias*. Porto Alegre: Sulinas.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Tuzzo, S. A.; Mainieri, T. (2010). *Aspectos metodológicos da pesquisa empírica em comunicação organizacional e Relações Públicas: Uma análise das assessorias de comunicação em Goiás - Brasil*. In: *Revista Educação*, v.5, n.1.